

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valoração da biodiversidade local

*Environmental education and nutrition education –
a strategy for appreciation of local biodiversity*

Autores | Authors

✉ **Juliana Kênia Martins da SILVA**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Ciências do Ambiente
Campus de Palmas
CEP: 77001-090
Palmas/TO - Brasil
e-mail: julianakenia@yahoo.com.br

Hilda Gomes Dutra MAGALHÃES

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Ciências do Ambiente
e-mail: pgciamb@uft.edu.br

✉ Autor Correspondente | Corresponding Author

Resumo

A educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora em busca do desenvolvimento sustentável e, através da sustentabilidade alimentar, pode intervir diretamente nos campos da saúde e da conservação ambiental. Este trabalho analisa os resultados de uma caminhada perceptiva como prática de educação ambiental, na qual se buscou aguçar os sentidos de um grupo de crianças sobre a apreciação dos recursos naturais que constituem o ecossistema do município onde moram. Foram aplicados pré e pós-testes para avaliar estas observações. Os testes e as percepções apontadas pelas crianças durante a atividade mostraram a valorização da biodiversidade local após o contato direcionado com a natureza. Propostas como esta permitem que o alimento seja tratado de forma holística e, desta forma, que sejam plantados sentimentos de pertencimento ao planeta e da necessidade de cuidá-lo e respeitá-lo.

Palavras-chave: Educação ambiental; Segurança alimentar; Caminhada perceptiva.

Summary

Environmental education is increasingly putting on a transformative function, in the pursuit of sustainable development and it may, through food sustainability, intervene directly in the fields of health and environmental conservation. This paper analyzes the results of a perceptive walk as environmental education practicing, in which one sought to sharpen children's senses on the assessment of the natural resources which constitute the ecosystem of the city they live in. In order to evaluate these observations, pre and after tests were carried out. The tests and perceptions identified by the children during the activity showed their better appreciation of the local biodiversity after this contact with nature. Proposals like those ones allow food to be treated holistically and, thus, allow feelings of belonging the planet and the need to care for it and respect it grow.

Key words: Environmental education; Food security; Perceptive walks.

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valoração da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

■ 1 Introdução

O termo 'biodiversidade' ou 'diversidade biológica' refere-se à variedade de vida existente na Terra. A biodiversidade não está distribuída de forma homogênea no planeta; contudo, se concentra em algumas regiões tropicais, como no Brasil, que é considerado um dos países com megadiversidade biológica (SALATI et al., 2006), por abrigar milhares de espécies, em meio a animais, plantas e microrganismos.

Entre os ecossistemas brasileiros, o cerrado se destaca pela abrangência territorial superior a dois milhões de quilômetros quadrados e por abrigar rico patrimônio de recursos renováveis adaptados às condições ambientais que determinam sua existência (PIVELLO et al., 1998), fato que caracteriza a elevada biodiversidade neste bioma. No entanto, esta diversidade biológica geralmente é menosprezada pela população, tanto no âmbito de preservação como para extrativismo e utilização dos recursos para diferentes finalidades, como a alimentação, por exemplo. Além disso, a paisagem do cerrado tem se modificado aceleradamente, com grandes áreas desmatadas, sobretudo para produção de monocultura (OLIVEIRA e ROCHA, 2008). Todo este contexto sugere a formação de uma consciência ambiental que reflita em mudanças na concepção da preservação ambiental pela população.

Nesse sentido, a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento, que seja, de fato, sustentável (JACOBI, 2003). Estudos apontam a educação ambiental como uma forma de produção e transmissão do conhecimento, com o objetivo de um processo constante de reflexão crítica não só na aprendizagem como também na busca de alternativas e soluções para a realidade existente (OLEQUES e BOER, 2008).

No contexto ambiental, um dos focos de intervenção socioeducativa é a sustentabilidade alimentar, isto é, o acesso universal e permanente aos alimentos em quantidade e qualidade adequadas à saúde do organismo humano e à conservação socioambiental (POUBEL, 2006), respeitando os hábitos alimentares e a realidade local.

Uma das formas mais eficazes para sensibilizar grupos, sobretudo de crianças, é através da prática em ambientes abertos que facilitem um contato estético e epidérmico com a natureza (CRESPO, 1998). Conforme Gadotti (2005), não é possível aprender a amar a Terra lendo livros sobre isso, nem livros de ecologia integral, mas somente com a experiência pessoal é que se consegue cultivar este sentimento.

Dessa forma, este trabalho analisa os resultados de uma caminhada perceptiva como prática de educação ambiental e nutricional, na qual se buscou aguçar os sentidos sobre a apreciação e a preservação de recursos naturais que constituem o ecossistema local. Para isto, foi avaliada a percepção de grupos escolares através do contato direto com a natureza em um ambiente domiciliar, onde são cultivadas variedades de frutas, verduras e legumes.

■ 2 Requisitos técnico-científicos

2.1 Educação ambiental

Desde as primeiras manifestações na década de 1970 – sobretudo em 1972, na Conferência de Estocolmo –, o movimento ambientalista busca um novo ideário ambiental frente às severas transformações ocorridas na sociedade moderna. Ainda em 1977, em Tbilisi, Geórgia, na Conferência Internacional sobre Educação Ambiental, o debate sobre a incorporação da educação ambiental em todos os programas destinados passa a ser mais reconhecido, oferecendo uma perspectiva global dos fenômenos ambientais e das inter-relações entre economia, ecologia e desenvolvimento. Finalmente, na Conferência Rio-92, é criada a Agenda 21, a qual propõe metas de controle ambiental como forma de educação permanente. Em seguida, são aprovados, no Brasil, pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), os Parâmetros Curriculares Nacionais, que propõem a inserção da educação ambiental como tema transversal a todas as disciplinas (CARVALHO, 2001; MEDINA, 1997).

Em se tratando de educação ambiental, não se pode segregar a ideia de sustentabilidade, não pelo senso comum no qual atualmente é discutida, mas através da construção de mudanças nas relações entre homem e natureza (JACOBI, 2003). A sustentabilidade é um princípio reorientador da educação, cujas provocações promovem reestruturação de currículos, objetos e métodos (GADOTTI, 2005).

A construção da educação, tendo o princípio ambiental como norteador, provoca um diálogo entre os saberes e uma fusão entre ciência, tecnologia e conhecimento popular que transcende o atual discurso sobre desenvolvimento sustentável (LEFF, 2007).

Nesse contexto, surge a ecopedagogia, mais que um movimento pedagógico, um movimento sociopolítico grandioso, que propõe a construção de instrumentos para a realização de uma educação sustentável, mais ampla que a educação ambiental propriamente dita, que implique em uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais (GADOTTI, 2005).

Neste sentido, fica claro que qualquer prática de educação ambiental deve ser baseada no diálogo e na

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valoração da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

interação entre os atores sociais, através da recriação e reinterpretção de informações, conceitos e significados (JACOBI, 2003). Este processo pode se originar através da fusão entre teoria e prática, utilizando, além da oralidade, outros recursos metodológicos, tal como nas caminhadas perceptivas.

2.2 Educação nutricional

A educação nutricional é conceituada por Cervato et al. (2005) como uma parte da nutrição aplicada que orienta seus recursos em direção a aprendizagem, adequação e aceitação de hábitos alimentares saudáveis. Tal conceito, segundo o autor, está em consonância com os conhecimentos científicos em nutrição e persegue o objetivo último de promoção da saúde do indivíduo e da comunidade.

O processo de educação nutricional deve ser iniciado o quanto antes, “[...] *quanto mais cedo os hábitos saudáveis forem ensinados, melhor será a manutenção futura, sem a sensação de ser um castigo*” (ANGELIS, 2003, p. 67). A instituição de ensino em que a criança está matriculada pode ser uma opção consciente e feliz, um espaço precioso de interação, discussão e troca, onde se permite a interlocução dos saberes, a construção de valores e o cultivo de uma visão ética da criança no mundo (MELLO, 2003).

É importante salientar que na educação alimentar devem-se considerar mais do que os nutrientes que o alimento fornece ao organismo, mas é preciso ressaltar o prazer que o comer traz ao ser humano, ou seja, considerar que o alimento preenche também funções simbólicas e sociais individuais (RAMALHO e SAUDERS, 2000).

Educar em nutrição é uma tarefa complexa, na qual, além da busca pelo conhecimento necessário à tomada de decisões que afetam a saúde, é preciso analisar as condutas e atitudes relativas ao universo da alimentação, fruto das crenças e das predisposições pessoais. Portanto modificação de hábitos não se configura como uma ação instantânea, mas que exige reflexão, tempo e orientação competente (BOOG, 2004).

Para Davanço et al. (2004, p.79), o “[...] *comportamento alimentar tem suas bases fixadas na infância, transmitidas pela família e sustentadas por tradições*”, e é neste tripé que se devem pautar as ações de educação nutricional.

O conhecimento e a ação participativa na origem, no acompanhamento e no consumo, principalmente de frutas, legumes e verduras – fonte de vitaminas, sais minerais e fibras – despertam nos alunos mudanças em seu comportamento alimentar, atingindo toda a família (TURANO, 1990). Essa relação direta com os alimentos também contribui para que o comportamento alimentar

das crianças esteja voltado para produtos naturais e mais saudáveis, contrapondo-se à ostensiva propaganda de produtos industrializados (KORNIJEZUK et al., 2008).

Levar os alimentos para a sala de aula, tentando, de algum modo, transformá-los em elemento pedagógico, e mais que isso, levar os alunos ao local em que estes alimentos estão sendo produzidos, faz com que as crianças participem das ações de educação alimentar desenvolvidas e não sejam meros espectadores (MAGALHÃES e GAZOLA, 2002). Ao transmitir informações e conscientizar a criança da importância de uma reeducação alimentar, será possível sensibilizá-la para a busca de uma melhor qualidade de vida e, em consequência, de um ambiente sadio (MATTOS, 2005).

2.3 Percepção ambiental

Segundo Macedo (2000), a percepção ambiental pode ser definida como as diferentes manifestações sensitivas que os seres humanos conseguem exprimir ao captarem, perceberem e se sensibilizarem nas realidades, ocorrências, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados *in loco*.

Os estudos que avaliam a percepção ambiental são entendidos, segundo uma orientação fenomenológica, como a complementação da análise da natureza sob o perfil científico, marcado por seu caráter quantitativo e absoluto, pela avaliação dos critérios filosóficos, os quais visam conhecer a essência, o sentido e a ideia que o sujeito cria acerca da natureza, fruto das vivências do ser humano (BELLO, 2004).

Nesta análise, cada indivíduo percebe, internaliza, reage e responde de forma subjetiva frente às ações do meio de acordo com seus julgamentos e expectativas, resultados de suas manifestações psicológicas (SANTOS e RUFFINO, 2003) e de acordo com a relação que o indivíduo tem com a natureza. Segundo Oleques e Boer (2008), é uma imagem subjetiva de uma imagem objetiva, a qual pode ser formada a partir da reflexão dos objetos e fenômenos que agem sobre os órgãos do sentido, no conjunto de suas partes e, obviamente, de acordo com suas individualidades.

As caminhadas perceptivas, consideradas atividades de interpretação da natureza, correspondem a uma experiência ambiental que propicia subsídios para as práticas da educação ambiental. Estas caminhadas têm o objetivo de conscientizar, sensibilizar e desenvolver atitudes que valorizem o ambiente, através da experiência da observação e das trocas de saberes proporcionadas durante o percurso das trilhas ecológicas (GUIMARÃES, 1998).

Desta forma, o estudo da percepção ambiental se concretiza pela dimensão humanística que acrescenta às investigações científicas, para que se possa compreender

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valoração da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

melhor a inter-relação entre sociedade e natureza, e dos espaços e das paisagens estabelecidos a partir desta relação.

3 Material e métodos

Esta pesquisa corresponde a uma abordagem quanti-qualitativa com base na percepção ambiental sob o ponto de vista da subjetividade, no intuito de averiguar a percepção dos escolares sobre os diversos elementos naturais (frutos, terra, sol, água) encontrados no ambiente.

As caminhadas orientadas permitem o desenvolvimento da habilidade perceptiva das crianças, possibilitando-lhes enxergar além do que é mostrado nos livros escolares, refletindo não somente no estreitamento de suas relações com o ambiente, mas que elas possam perceber o quão favoráveis podem ser os elementos da natureza na qualidade nutricional de sua alimentação.

A caminhada foi realizada na área urbana do município de Crixás do Tocantins/TO, onde se encontra uma residência com grande área de produção frutífera, com variedades de frutas nativas do cerrado ou oriundas de outras regiões. Este município, cuja emancipação ocorreu em 1997, possui 1.264 habitantes (BRASIL, 2007) e tem a área verde bastante preservada, inclusive na área urbana.

Para avaliar a percepção ambiental, foram acompanhados os alunos do 3º, 4º e 5º ano de uma escola da rede municipal de ensino de Crixás do Tocantins, com faixa etária de 7 a 17 anos, totalizando 83 alunos. Os alunos foram divididos em duas turmas e, antes de saírem da escola, receberam orientações sobre como se comportar durante a caminhada e ao chegar ao local. Seus pais foram avisados e autorizaram a realização da atividade.

Os professores, que também acompanharam a atividade, procuraram trabalhar temas transversais, como nas disciplinas de ciências e português, para aproveitá-la de forma integral. Foi proposta uma atividade baseada na pedagogia libertária, citada por Gallo (1995), que prevê, além da liberdade no pensar, a ideia de dialogar harmonicamente com as diferentes singularidades, ou seja, permite a troca de saberes entre todos os atores envolvidos, nutricionista, professores, alunos e moradores do município.

No tocante à avaliação da atividade, foram utilizados pré e pós-testes contendo três questionamentos referentes a temas ambientais para se verificarem as percepções dos escolares antes e após a prática. Todas as perguntas foram lidas com a turma e, para facilitar a compreensão, as respostas continham gravuras acompanhadas de expressões literais. Ademais, toda a

visita foi filmada para que em seguida fossem enumerados os pontos relevantes e pertinentes da atividade.

4 Resultados e discussão

4.1 Relato da caminhada

Ao saírem da escola, os alunos já se mostravam eufóricos e, organizados em fila para evitar acidentes durante o percurso, foram conversando entre si. “*Eu já conheço lá, tem um monte de fruta gostosa [...] será que a gente vai poder comer?*” (Rosilene, 10 anos). Logo, uma casa de João-de-Barro chama a atenção do grupo e o orientador educacional que acompanha a turma, Senhor Robson, explica a relação do pássaro com a construção da casa “*Vocês sabem o que é aquilo lá perto do poste de energia? É o João-de-Barro, um passarinho que constrói a própria casa, e constrói outro ninho de ano em ano [...]*”. Todos ficaram procurando, ao redor, outros ninhos para mostrar aos colegas.

Foram ressaltados o cheiro das árvores e a brisa suave que acompanhou o grupo durante a caminhada, na tentativa de envolver os alunos e fazer com que se sentissem parte da natureza, em uma “*única comunidade*”, como alude Boff (2004).

Assim que chegaram à residência, as crianças corriam livremente, ansiosas por diagnosticar as árvores frutíferas do local, e identificavam as frutas: laranja, acerola, jabuticaba, manga, mangaba, açaí, jambo-dopará, amora e tantas outras foram apontadas por elas. Inclusive foram descritos sabores, como da amora: “*Ela é azedinha, experimenta pra ver*”, como disse a aluna Luana do 5º ano, 10 anos. A árvore da mutamba trouxe muita dúvida entre o grupo, que ia citando frutas na tentativa de adivinhar qual era, mas João Victor, aluno do 5º ano, 10 anos, prontamente falou “*É mutamba, gente! Olha a casca (pega uma fruta e morde) e o cheiro [...]*”. Todo esse envolvimento do grupo e a troca de experiências entre alunos e professores foram bastante positivos.

Pequenos grupos iam sendo formados e os próprios alunos explicavam orgulhosos para os colegas sobre alguma fruta encontrada que não era, inicialmente, reconhecida pela turma. Ao final da visita, o proprietário da casa, Senhor João, ofereceu algumas mangas que estavam caídas no chão e a afeição com que os alunos comiam mostrava grande desejo e satisfação em consumi-las, fato que não foi conseguido mesmo com as mais variadas formas com que a fruta foi oferecida anteriormente na alimentação escolar.

A intervenção final do Senhor João, o simples agricultor que acolheu o grupo em sua casa, sob a sombra de uma aconchegante árvore, serviu como alerta à mudança comportamental frente à natureza:

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valorização da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

Vocês vão herdar o que vocês economizar. Vocês vão ter pra frente o que vocês preservar [...] se vocês também preservar em algum lugar, um pedacinho pra vocês ou chamar a atenção dos pais pra preservar, vão herdar isso. E vai ser preciso porque cada dia acontece mais tempestade, mais coisa ruim na natureza, devido à destruição que fizeram pra trás. Então é preciso que vocês, o futuro da nação, guarde, preserve [...].

Ao final, Maurício, 9 anos, ressalta durante o retorno à escola: “Foi a melhor aula que a gente teve [...] e aquela manga tava hum... uma delícia”.

4.2 Avaliação do pré-teste e do pós-teste

Foram aplicados pré e pós-testes idênticos, com três perguntas, a todos os alunos. A questão inicial teve como objetivo avaliar a preferência dos alunos sobre diferentes ambientes domiciliares e foram apresentadas três situações distintas, devidamente ilustradas: uma casa em região arborizada, uma casa em uma área desértica e um edifício em uma cidade industrializada. Os resultados das escolhas, em porcentagem, podem ser vistos na Tabela 1.

Em ambos os momentos da pesquisa, a maioria dos alunos optou pela casa arborizada. Na primeira etapa da pesquisa, um número maior de alunos escolheu o edifício na cidade industrializada, vislumbrados pelo fascínio do capitalismo e por um estilo de vida diferente do que têm. Após a visita, a representação ainda existiu, porém com uma redução de 11%.

Para abrir mão das prioridades e valores pessoais que fazem parte da sociedade capitalista moderna, faz-se necessário um processo educativo que permita um comprometimento com a qualidade de vida e que possibilite ao homem se ver como parte da natureza (MATTOS, 2005) e não como dominador dela, como determina a visão capitalista. Com a atividade, muitos se sentiram provocados, optando, em seguida, pelo natural.

Todavia, foi mais representativa a escolha pela casa em uma área arborizada, já que o município onde residem tem esta característica, com presença de árvores, frutíferas ou não, encontradas comumente nas portas das casas e em seus quintais. Marin e Kasper

(2009) falam sobre esta ligação com o ambiente, formada ainda na infância: “*É pela natureza que o ser humano se sente restituído a si mesmo, [...] de forma que a natureza possa ser para ele identidade, linguagem e poesia*”. E tal escolha mostra a valorização pelos recursos naturais e o respeito à própria cidade.

Na segunda questão, buscando avaliar o conhecimento sobre alimentação saudável e vegetação regional, foi questionado qual das opções representava um prato regional composto por alimentos saudáveis. Foram oferecidas três opções: arroz com pequi, sopa de ervilhas e pizza com refrigerante. As respostas, em porcentagem, estão dispostas na Tabela 2.

Em um primeiro momento, apesar de a maioria (83%) ter respondido a opção “arroz com pequi”, elemento tipicamente do cerrado, alguns alunos assinalaram as outras opções, “sopa de ervilhas” e “pizza com refrigerante”, pela dúvida em relação às ervilhas no primeiro caso e, certamente, por não compreenderem o propósito da questão, no segundo caso. Após a caminhada, quando foi explicado sobre os alimentos que podem ser encontrados na região, a porcentagem de respostas para “arroz com pequi” aumentou apesar de ainda não representar a totalidade.

A utilização de preparações regionais ocorre frequentemente no cardápio da alimentação escolar oferecida às crianças, como forma de valorizar a cultura alimentar local e resgatar os hábitos alimentares perdidos. Segundo Oliveira e Rocha (2008), esta inclusão de frutos das espécies nativas do cerrado na alimentação escolar oferece um elevado valor nutricional à refeição, além de atrativos sensoriais dos frutos, como: cor, sabor e aroma peculiares e intensos.

A atual padronização alimentar, ditada pelo consumo de alimentos refinados, industrializados e com altos teores de sódio, carboidrato e gordura, cria uma espécie de convivência conflituosa entre saúde e alimentação, externa às potencialidades locais. É preciso considerar que esta padronização desestimula o consumo de alimentos regionais, mais sustentáveis, de elevados valores nutricionais e baixos custos (KORNIJEZUK et al., 2008).

Tabela 1. Respostas do grupo sobre o local que escolheriam para viver.

	Pré-teste (%)	Pós-teste (%)
Casa - área arborizada	79	90
Casa - área desértica	0	0
Edifício - área industrializada	21	10
Total	100	100

Tabela 2. Respostas do grupo sobre o prato regional mais saudável.

	Pré-teste (%)	Pós-teste (%)
Arroz com pequi	83	94
Sopa de ervilhas	8,5	3,6
Pizza com refrigerante	8,5	2,4
Total	100	100

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valorização da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

Essa valorização dos alimentos regionais na alimentação escolar é também uma forma de promover educação ambiental, uma vez que resgata conhecimentos tradicionais, preservando o cerrado (OLIVEIRA e ROCHA, 2008). Dessa forma, consumindo tais alimentos na escola e, obviamente, aprovando o sabor e todo o processo envolvido no consumo da refeição, a criança pode pedir para que a mãe introduza a preparação no cardápio de casa, valorizando o alimento e ampliando o seu consumo a toda família.

Finalmente, na terceira questão, buscou-se avaliar o conhecimento dos alunos acerca da flora regional, perguntando-se, entre as frutas citadas, quais delas as crianças poderiam encontrar em sua região. Os resultados estão esquematizados, em números absolutos, na Figura 1.

Comparando-se os dados dos pré e pós-testes, observou-se que a compreensão sobre a variedade frutífera da região melhorou após a exposição e o contato com a natureza, em todos os casos, como pode ser visto na figura.

Muitas crianças marcaram a opção “maçã”, cuja produção não é típica da região, nem mesmo é relatada pelos moradores; provavelmente, elas tenham associado o consumo pela aquisição em supermercados e na própria alimentação escolar.

Um grande número de crianças que não conhecia as frutas inicialmente, após a caminhada, passou

a identificar árvores frutíferas que existem em sua região. Durante a atividade, para cada árvore que era reconhecida, era realizada uma orientação sobre sua importância nutricional, ressaltando-se valores, como cor, cheiro e sabor, na tentativa de estimular as crianças a consumi-las.

Os alimentos devem estar presentes no cotidiano das crianças associadas a momentos descontraídos de alegria e felicidade. As atividades práticas permitem o contato natural com os alimentos na busca pelo despertar do interesse das crianças através da combinação de bons hábitos alimentares com saúde e autoestima (MELLO, 2003). Conhecer o alimento neste ambiente de liberdade e junto aos colegas de sala faz surgir o interesse pelo alimento.

Mesmo com a presença de inúmeras árvores frutíferas, praticamente em toda área urbana, muitos alunos ainda desconhecem as espécies e, mais que isso, o sabor e a importância alimentícia de se consumirem tais alimentos. Ramalho e Saunders (2003, p. 70-78) confirmam exatamente este fato: “A abundância não assegura ótima nutrição devido ao componente comportamental que determina a escolha do alimento”. Após a atividade, o índice de aceitação destes alimentos aumentou nas preparações oferecidas na alimentação escolar e espera-se que se estenda à alimentação nos domicílios.

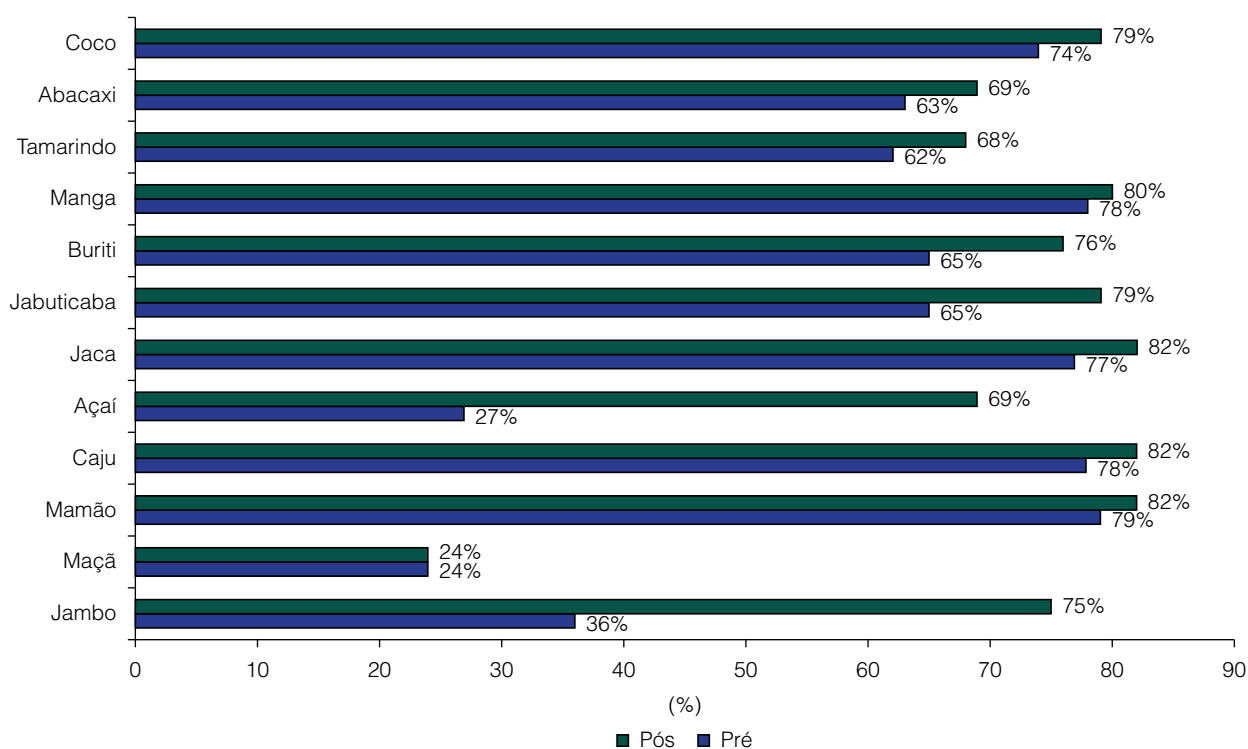


Figura 1. Respostas do grupo sobre o conhecimento da flora do município.

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valoração da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

5 Considerações finais

Os testes de avaliação e as percepções mostradas pelos alunos durante a atividade ilustraram claramente uma valorização da biodiversidade local após o contato com a natureza de uma forma direcionada.

Perceberam-se mudanças comportamentais em âmbitos individual e coletivo devido à sensibilização das crianças pela proximidade com a variedade de frutas e verduras no local, e pelo fascínio que estar em contato com o ambiente proporcionou. Conhecer novas espécies, sentir cheiros diferentes, texturas, sabores. Conhecimentos estes que as próprias crianças puderam transmitir para os seus colegas.

Propostas como esta, de intervenção com atividades de educação nutricional e ambiental, permitem que o alimento seja tratado com todos seus significados inerentes ao comer. A modificação comportamental que se pretende com esta intervenção vai além de “o que comer”, “como comer”, mas perceber o que a natureza pode fornecer para melhorar a qualidade nutricional da dieta habitual destas crianças. Com isso, plantar um sentimento de pertencimento ao planeta e da necessidade de cuidá-lo e respeitá-lo o mais rápido possível.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, e aos amigos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Referências

ANGELIS, R. C. **Riscos e Prevenção da Obesidade: Fundamentos Fisiológicos e Nutricionais Para Tratamento**. São Paulo: Atheneu, 2003. 108 p.

BELLO, A. A. **Fenomenologia e Ciências Humanas: Psicologia, História e Religião**. Bauru: EDUSC, 2004. 329 p.

BOFF, L. **Saber cuidar. Ética do Humano – Compaixão Pela Terra**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 200 p.

BOOG, M. C. F. Educação nutricional: por que e para quê? **Jornal da UNICAMP**, Campinas, 2004. p. 2. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju260pag02.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2009.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cid@des 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 05 dez. 2009.

CARVALHO, I. C. M. As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos para a educação ambiental. In: PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Org.). **Educação**

Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil. Brasília, DF, 1997. p. 271-280.

CERVATO, A. M.; DERNTL, A. M.; LATORRE, M. R. D. O.; MARUCCI, M. F. N. Educação nutricional para adultos e idosos: uma experiência positiva em Universidade Aberta para a Terceira Idade. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 41-52, 2005.

CRESPO, S. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no Programa da Agenda 21. In: NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. **Tendências da Educação Ambiental Brasileira**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. p. 211-225.

DAVANÇO, G. M.; TADDEI, J. A. A. C.; GAGLIANONE, C. P. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 177-184, 2004.

GADOTTI, M. Pedagogia da terra e cultura da sustentabilidade. **Revista Lusófora da Educação**, Lisboa, v. 6, p. 15-29, 2005.

GALLO, S. **Educação Anarquista: Paradigma Para Hoje**. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

GUIMARÃES, S. T. Trilhas interpretativas e vivências na natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem. **Cadernos Paisagem**, Rio Claro, n. 3, p. 39-44, 1998.

JACOBI, P. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, 2003.

KORNIJEZUK, N. B. S.; ZANETI, I. C. B. B.; LARANJEIRA, N. P. F. Educação Ambiental, Segurança Alimentar e Sustentabilidade: o caso de uma intervenção sócio - educativa na Bacia Hidrográfica do Alto São Bartolomeu. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE – ENANPPAS, 4., 2008, Brasília, DF. **Anais...** Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT14-576-2120080511010523.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

LEFF, E. A complexidade ambiental. **Revista AmbientalMente Sustentable**, Liáns-Oleiros, v. 1, n. 3, p. 7-17, 2007.

MACEDO, R. L. G.. **Percepção e Conscientização Ambiental**. Lavras/MG: UFLA/FAEPE, 2000.132 p.

MAGALHÃES, A. M.; GAZOLA H. Proposta de Educação Alimentar em Creches. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1., 2002, Bombinhas. **Anais...** Bombinhas: PMPB, 2002.

MARIN, A. A.; KASPER, K. M. A natureza e o lugar habitado com âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação do ser humano – ambiente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 267-282, 2009.

MATTOS, S. **Educação Ambiental: Instrumento de Resgate da Saúde e da Cidadania**. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado

Educação ambiental e nutricional – uma estratégia de valorização da biodiversidade local

SILVA, J. K. M. e MAGALHÃES, H. G. D.

Profissionalizante em Ensino de Ciências da Saúde e do Meio Ambiente)–Universidade Plínio Leite, Niterói, 2005.

MEDINA, N. M. Breve histórico da Educação Ambiental. In: PÁDUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Org.). **Educação Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil**. Brasília, 1997. p. 257-269.

MELLO, M. M. S. **Educação & Nutrição: Uma Receita de Saúde**. Porto Alegre: Mediação, 2003. 88 p.

OLEQUES, L. C.; BOER, N. Caminhadas perceptivas como atividades de sensibilização e de educação ambiental. **Vidya**, Santa Maria, v. 26, n. 1, p. 29-42, 2008.

OLIVEIRA, D. L.; ROCHA, C. Alternativas sustentáveis para a merenda escolar com o uso de plantas do cerrado, promovendo educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 21, p. 35-53, 2008.

PIVELLO, V. R.; BITENCOURT, M. D.; MANTOVANI, W.; MESQUITA Jr., H. N.; BATALHA, M. A.; SHIDA, C. Proposta de zoneamento ecológico para a reserva de cerrado Pé-de-Gigante (Santa Rita do Passa Quatro, SP). **Brazilian Journal of Ecology**, Rio Claro, v. 2, n. 2, p. 108-118, 1998.

POUBEL, R. O. **Hábitos Alimentares, Nutrição e Sustentabilidade: Agroflorestas Sucessionais Como Estratégia na Agricultura Familiar**. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Sustentável)-Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RAMALHO, R. A.; SAUNDERS, C. O papel da educação nutricional no combate às carências nutricionais. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 70-78, 2000.

SALATI, E.; SANTOS, A. A.; KLABIN, I. Temas ambientais relevantes. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 56, p.107-127, 2006.

SANTOS, S. A. M.; RUFFINO, P. H. P. Sensibilização. In: SCHIEL, D.; MASCARENHAS, S.; VALEIRAS, N.; SANTOS, S. A. M. (Org.). **Os Estudos das Bacias Hidrográficas: Uma Estratégia Para a Educação Ambiental**. São Carlos, SP: RIMA, 2003. p. 15-21.

TURANO, W. A didática na educação nutricional. In: GOUVEIA, E. **Nutrição Saúde e Comunidade**. São Paulo: Revinter, 1990. 246 p.